

ESTRANHEZA

MORTAL

J. D. ROBB

SÉRIE MORTAL

Nudez Mortal

Glória Mortal

Eternidade Mortal

Êxtase Mortal

Cerimônia Mortal

Vingança Mortal

Natal Mortal

Conspiração Mortal

Lealdade Mortal

Testemunha Mortal

Julgamento Mortal

Traição Mortal

Sedução Mortal

Reencontro Mortal

Pureza Mortal

Retrato Mortal

Imitação Mortal

Dilema Mortal

Visão Mortal

Sobrevivência Mortal

Origem Mortal

Recordação Mortal

Nascimento Mortal

Inocência Mortal

Criação Mortal

Estranheza Mortal

Nora Roberts

escrevendo como

J. D. ROBB

ESTRANHEZA
MORTAL

Tradução
Renato Motta

1ª edição



BERTRAND BRASIL

Rio de Janeiro | 2017

CAPÍTULO UM

Os assassinatos não abrigavam preconceito algum, nem exibiam tendências ideológicas. Também não se limitavam a sistemas de classes sociais. Com seu viés de satisfação, mortal e criterioso ao extremo, o assassinato não enxergava raça, religião, gênero ou camada social. Em pé no suntuoso quarto, ao lado do recém-falecido Thomas A. Anders, a tenente Eve Dallas tecia considerações sobre tais ideias.

Na noite anterior, ela abrira e fechara o caso do homicídio de uma mulher de 20 anos que fora estrangulada, espancada e depois atirada pela janela do seu próprio apartamento minúsculo em um prédio de nove andares.

O buraco alugado por semana, refletiu Eve, onde o namorado da vítima alegava dormir no momento da *morte*, tinha cheiro azedo de sexo, zoner vencido e comida chinesa ruim. Já o quarto de Anders, na Park Avenue, cheirava a tulipas em tons pastéis, riqueza limpa, arejada... e a cadáver. A morte o encontrara sobre os lençóis luxuosos da enorme cama com dossel de seda. No caso de Tisha Brown, ela chegara no colchão manchado jogado no chão de um típico cafofo para viciados. O voo dela até a calçada fora apenas o toque final.

A questão, pensou Eve, é que não importava quem a pessoa era — gênero, raça, renda —, a morte nivelava tudo por baixo. Como Eve trabalhava como policial da Divisão de Homicídios da Polícia de Nova York fazia doze anos, já havia visto de tudo.

Ainda não eram nem sete da manhã e ela estava sozinha com o morto. Os dois primeiros policiais que chegaram na cena do crime estavam lá embaixo com a empregada que ligara para a Emergência. Com as mãos e botas protegidas pelo spray selante, Eve caminhou pelos cantos do aposento enquanto gravava tudo.

— A vítima foi identificada como Thomas Aurelious Anders, morador deste endereço. Sexo masculino, branco, 61 anos, casado. Nossa informação é que sua esposa está fora da cidade. O crime foi informado por Greta Horowitz, empregada doméstica, que descobriu o corpo por volta das seis da manhã e ligou para a Emergência às seis e doze.

Eve inclinou a cabeça. Seu cabelo era curto, castanho e ligeiramente desordenado, emoldurando um rosto de muitos ângulos e facetas. Seus olhos, alguns tons mais claros que o cabelo, eram típicos de uma policial: atentos, céticos e frios, enquanto estudavam o homem que jazia morto na cama grande e sofisticada.

— A informação é que Anders estava sozinho em casa. Há dois androides domésticos, e ambos estavam desligados. Em um exame superficial, não há sinais de entrada forçada, nem de arrombamento; também não há sinais de luta.

Com suas pernas longas, ela foi até a cama. Sobre o corpo magro, a tenente usava calças de tecido grosso, uma blusa simples de algodão e um casaco comprido de couro preto. Atrás dela, sobre a lareira a gás onde chamas douradas e vermelhas dançavam, o telão se acendeu subitamente.

Bom dia, sr. Anders!

Estreitando os olhos, Eve se virou e olhou para o telão. A voz feminina computadorizada lhe pareceu irritantemente animada, e

as cores fortes do nascer do sol, que pareciam sangrar da tela, não teriam sido a sua escolha para um despertar tranquilo.

São exatamente sete e quinze da manhã de terça-feira, 18 de março de 2060. O senhor tem uma partida de golfe com Edmond Luce agendada no clube para as dez horas desta manhã.

Quando o computador lembrou, com sua voz alegriinha, o que Anders tinha pedido para o café da manhã, Eve pensou: *Nada de omelete de claras para você nesta manhã, Tom.*

Do outro lado do quarto, em uma saleta muito enfeitada, um míni AutoChef enfeitado com detalhes em latão brilhante apitou duas vezes:

Seu café está pronto! Aproveite o seu dia!

— É... Isso não vai rolar — murmurou Eve.

O telão passou a exibir as manchetes da manhã; o noticiário era apresentado por uma mulher quase tão alegre quanto a do computador. Eve desligou o aparelho.

A cabeceira da cama brilhava tanto quanto os degraus revestidos de latão da plataforma onde ela estava. Cordões de veludo preto amarravam os pulsos de Anders a dois pilares atrás da cama, e outros dois ligavam seus tornozelos aos pés da cama. Aos quatro cordões se juntava um quinto, apertado em torno da garganta do homem, mantendo sua cabeça um pouco acima do travesseiro. Seus olhos estavam muito arregalados e sua boca permanecera aberta, como se ele estivesse extremamente surpreso por se encontrar naquela posição.

Vários brinquedos sexuais estavam espalhados sobre a mesinha de cabeceira ao lado da cama. Uma sonda anal, um vibrador, diversos anéis penianos coloridos, loções para refrescar e aquecer a pele, além de lubrificantes. O material de sempre, avaliou Eve. Inclinando-se

de leve, cheirou seu peito magro e nu. Kiwi, decidiu, e inclinou a cabeça para ler os rótulos nas embalagens.

Isso mesmo, o cheiro era de kiwi. Havia gosto para tudo.

Ao notar algo diferente, ergueu o edredom que fora deixado embolado sobre a cintura de Anders. Debaixo da coberta, três anéis penianos em tons de néon (e que provavelmente brilhavam no escuro) envolviam uma impressionante ereção.

— Nada mal para um homem morto.

Eve abriu a gaveta da mesinha de cabeceira. Lá dentro, conforme suspeitava, havia uma embalagem grande do produto mais vendido no mercado para intensificar ereções: Stay-Up.

— Essa imagem seria um belo apelo promocional para o produto.

Começou a abrir seu kit de trabalho, mas parou ao ouvir passos se aproximando. Reconheceu o som pesado e duro: era sua parceira chegando com as botas duras como ferraduras que usava,. Não importava o que o calendário avisava sobre a aproximação da primavera: em Nova York, tudo era uma grande mentira. Como se para provar o que Eve imaginava, a detetive Delia Peabody entrou pela porta com um enorme e acolchoado casaco roxo e um cachecol grande e listrado que dava três voltas no seu pescoço. Acrescente a isso o quepe de policial puxado até os ouvidos; apenas os olhos e a ponte do nariz estavam visíveis.

— Está fazendo quinze abaixo de zero lá fora — informou a voz abafada pelo cachecol, uma voz que parecia ser a de Peabody.

— Eu sei.

— Disseram que, por causa do vento cortante, a sensação térmica é de terríveis 22 abaixo de zero.

— Sim, ouvi isso.

— Só faltam três dias para começar a primavera. Isso não está certo.

— Reclame com eles.

— Eles quem?

— *Os caras* que ficam espalhando por aí que está 22 abaixo de zero. Você deve estar mais revoltada e com mais frio só por causa

da tagarelice deles. Tire um pouco dessas merdas de cima de você, sua aparência está ridícula.

— Até meus dentes estão congelados.

Peabody começou a descascar as múltiplas camadas que cobriam seu corpo robusto. Cachecol, casaco, luvas, colete térmico. Eve se perguntou como ela conseguia andar com todo aquele peso. Com o quepe fora da cabeça, o cabelo escuro de Peabody, com sua audaciosa pontinha na nuca, parecia emoldurar o rosto quadrado. A ponta do seu nariz continuava vermelha por causa do frio.

— O policial que está na porta disse que alguns joguinhos sexuais acabaram mal por aqui.

— Pode ser. A esposa está viajando.

— Menino levado. — Depois de ficar só de uniforme e selar as mãos e as botas, Peabody pegou seu kit de trabalho, foi até a cama e viu o conteúdo da mesinha de cabeceira. — Muito levado.

— Vamos confirmar a identidade dele e calcular a hora exata da morte. — Eve examinou uma das mãos moles do morto. — Parece que ele fez as unhas recentemente. Estão curtas, limpas e pintadas. — Inclinou a cabeça de leve. — Não há arranhões, nem marcas roxas, nem trauma aparente, exceto pelo pescoço. E... — Ela levantou o edredom novamente.

Os olhos castanhos escuros de Peabody se arregalaram.

— Cacete!

— Sim, em carga total. Um lugar como este tem que ter um bom sistema de segurança, vamos verificar isso. Há dois androides domésticos, vamos assistir às gravações deles. Examine os *tele-links* da casa, incluindo os de bolso, as agendas eletrônicas, os tablets e as listas de endereços e contatos. Tom teve companhia na noite passada. Não conseguiria içar a si mesmo desse jeito.

— *Cherchez la femme*. É a expressão em francês para...

— Eu sei que *femme* é mulher em francês. Mas também devemos *cherchez* algum... como é que se diz “cara” em francês?

— Ah, sim, claro.

— Termine de trabalhar no corpo — ordenou Eve. — Vou investigar o resto do quarto.

Era um tremendo quarto para quem gosta de tons dourados, detalhes e um monte de adereços e arabescos brilhantes. Além da grande cama em que Anders tinha morrido, havia um sofá, duas poltronas imensas e aconchegantes e uma cadeira reclinável elétrica completa, na qual era possível esticar o corpo e relaxar. Além do AutoChef, o quarto ostentava uma geladeira com revestimento em metal, um bar equipado e uma unidade de entretenimento. Os banheiros tinham banheiras de hidromassagem, chuveiros, tubos de secar o corpo e telões e equipamentos de som, num espaço imenso. A confortável suíte era complementada por dois closets de três níveis com quartos de vestir anexos.

Eve se perguntou para que precisavam do resto da casa.

Ela deveria saber responder a isso, admitiu. Morar com Roarke significava viver em um espaço suficiente para abrigar uma pequena cidade, com todos os acessórios que grandes boladas de dinheiro conseguiam comprar. Graças a Deus, Roarke tinha um gosto mais apurado que os Anders. Talvez não tivesse se apaixonado, muito menos se casado, com Roarke se ele vivesse cercado de coisas douradas, brilhantes, borlas franjadas e só Deus sabe mais o quê.

Mesmo assim, por mais que o lugar estivesse entulhado de *tralhas*, tudo parecia estar em seu lugar, decidiu. Não havia sinal algum de algo ter sido remexido. Encontrou um cofre em cada closet, ambos tão mal escondidos que uma criança de 10 anos com os olhos fechados conseguiria encontrá-los. Ela perguntaria à esposa sobre os cofres, mas não lhe parecia ter havido nem furto nem roubo.

Caminhando para o quarto principal novamente, deu mais uma cuidadosa olhada no entorno.

— As impressões digitais confirmam que o morto era Thomas A. Anders, morador deste endereço — informou Peabody. — Estima-se 3h32 desta madrugada como a hora da morte. É muito

tarde ou muito cedo para alguém brincar de joguinhos de sedução e amarração.

— Se a assassina ou o assassino e a vítima chegaram aqui juntos, onde estão as roupas?

Peabody se virou para a tenente e curvou os lábios, pensativa.

— Considerando que você é casada com o cara mais gostoso deste e de outro planeta, eu não deveria precisar explicar que a graça de brincar de seduzir e amarrar é justamente os dois estarem nus enquanto fazem isso.

— Sim, um dos principais objetivos é este: os dois fiquem pelados — concordou Eve. — Mas, se vieram aqui para joguinhos desse tipo, será que ele tiraria a roupa, *penduraria* tudo nos cabides e jogaria a cueca no cesto de roupa suja? Quando se tem tudo aquilo no cardápio — apontou para os brinquedos sexuais —, ninguém pensa em deixar as roupas arrumadinhas. Elas são puxadas, arrancadas de qualquer jeito e ficam espalhadas pelo chão. Mesmo que seja um jogo antigo com um parceiro habitual, você jogaria simplesmente a roupa em cima do sofá, certo?

— Eu penduro minhas roupas. Às vezes. — Peabody deu de ombros. Inclinou a cabeça para estudar a cena novamente e jogou para trás o cabelo, em um gesto distraído, deixando-o cair sobre sua bochecha. — Mas você tem razão... Isso só acontece quando não planejo pular em cima do McNab ou quando ele já não está em cima de mim. Tudo parece muito arrumado por aqui; no resto da casa também, pelo que pude ver ao vir para cá. Quem sabe a vítima tinha aquela compulsão de arrumar as coisas?

— Pode ser. Ou talvez o assassino tenha chegado quando ele já estava na cama. Três da manhã... Surpresa, surpresa! De repente as coisas escaparam ao controle, acidentalmente ou de propósito. O assassino entrou... a possibilidade maior é a de que a vítima ou outro membro da família o conhecesse. Nenhum sinal de arrombamento aqui, e há um sistema de segurança altamente sofisticado. Talvez isso também faça parte do jogo. A visita chegou depois que

ele já estava dormindo. Surpreendeu-o. Acordou-o. Amarrou-o aos pilares da cama e o excitou. Brinquedos e jogos.

— E a brincadeira foi longe demais.

Eve sacudiu a cabeça.

— Foi tão longe quanto ele ou ela queria que fosse. Asfixia por acidente não me convence aqui.

— Mas... — Peabody estudou o corpo novamente, a cena, e desejou conseguir enxergar o que Eve enxergava. — Por quê?

— Se era tudo diversão e deu errado, por que o assassino deixou o laço ao redor do pescoço? Se foi um acidente, por que não o soltou e tentou reanimá-lo quando ele começou a asfixiar e ter convulsões?

— Pode ser que no meio do sufoco... Ok, isso é um exagero, mas, se tudo aconteceu rápido, pode ser que ele ou ela tenha entrado em pânico...

— De qualquer forma, temos um cadáver e um caso a solucionar. Vamos ver o que o legista acha da ideia do acidente. Temos que conversar com a empregada. Mande os peritos entrarem.

Greta Horowitz era uma mulher robusta com rosto retangular e uma atitude objetiva e controlada que Eve apreciou logo de cara. Ela ofereceu café na grande cozinha em prata e preto, e serviu a bebida com as mãos firmes e os olhos secos. Com sua voz forte e sotaque alemão, olhos azuis diretos e compleição de Valquíria, Eve imaginou que Greta enfrentaria qualquer coisa que aparecesse na sua frente.

— Há quanto tempo trabalha aqui, sra. Horowitz?

— Estou há nove anos neste emprego e neste país.

— A senhora chegou aos Estados Unidos vinda de...

— Berlim.

— Como conseguiu a posição na casa dos Anders?

— Através de uma agência de empregos. Tenente, a senhora quer saber como vim parar aqui e por quê. São respostas simples,

para depois falarmos sobre o que é importante. Meu marido estava no exército. Foi morto há doze anos. Não tivemos filhos. Minha especialização é gerenciar serviços de grandes residências, e foi para essa função que me inscrevi em uma agência na Alemanha. Queria vir para cá. A esposa de um soldado conhece muitos lugares do mundo, mas eu nunca tinha vindo a Nova York. Candidatei-me para esta posição e, depois de várias entrevistas via *tele-link* e holograma, fui contratada.

— Obrigada. Antes de chegarmos ao que é importante, você sabe por que os Anders queriam uma empregada alemã, em especial?

— Sou governanta desta casa.

— Governanta, então?

— A avó do sr. Anders era alemã e, quando ele era menino, teve uma babá alemã.

— Muito bem. A que horas você chegou esta manhã?

— Às seis. Pontualmente. Chego exatamente às seis todas as manhãs, com exceção do domingo, que é meu dia de folga. Saio às quatro da tarde em ponto, exceto às terças e quintas-feiras, quando saio à uma. Meu horário pode ser ajustado conforme as necessidades da casa, desde que eu seja comunicada com antecedência.

— Quando chegou pontualmente às seis da manhã de hoje, o que fez? Precisamente?

Os lábios de Greta se contraíram de leve. Talvez em sinal de humor.

— Precisamente tirei meu casaco, o chapéu, o cachecol e as luvas. Guardei tudo no armário. Em seguida, liguei todas as câmeras de segurança da casa. O sr. Anders desliga o sistema todas as noites pouco antes de se recolher. Não gosta da sensação de estar sendo observado, mesmo que ninguém esteja em casa. Minha primeira tarefa é reativar o sistema. Depois disso, vim para a cozinha. Liguei o telão no noticiário, como é meu hábito, e só então fui verificar o sistema de comunicação. Meus patrões geralmente deixam os seus pedidos para o café da manhã na véspera, à noite. Preferem que

eu prepare tudo em vez de usar o AutoChef. O sr. Anders pediu melão cortado em cubos, uma omelete de claras com endro e duas fatias de pão de trigo com manteiga e geleia de laranja. Também café... Ele gosta do dele com creme e apenas um torrão de açúcar. E também um copo de suco de tomate.

— Sabe a que horas ele postou o pedido?

— Sei, sim. Eram dez e dezessete da noite.

— Então você chegou e começou a preparar o café da manhã?

— Não, senhora. O sr. Anders tomaria café hoje às oito e quinze da manhã. Minha tarefa seguinte era ligar os dois androides domésticos, uma vez que eles são desligados todas as noites antes de o sr. e a sra. Anders se recolherem. Devo transmitir às máquinas seu horário de trabalho para o dia. Os androides são mantidos na sala da segurança, bem ali — apontou. — Entrei lá para lidar com eles, mas então notei as telas de segurança do interior da casa. Reparei que a porta do quarto do sr. Anders estava aberta. O sr. Anders *nunca* deixa aquela porta aberta. Se ele está no quarto ou deixou o aposento, a porta sempre fica fechada. Quando sou chamada a comparecer ao quarto, as instruções são para que eu a deixe totalmente aberta enquanto estou lá dentro e torne a fechá-la ao sair. O mesmo vale para os empregados domésticos.

— Por quê?

— Não cabe a mim questionar isso, senhora.

Mas cabe a mim, pensou Eve.

— Você viu que a porta estava aberta, mas não percebeu o homem morto em cima da cama?

— As câmeras do quarto exibem somente a área da saleta de estar. O sr. Anders as programou desta forma.

— Um pouco de fobia, talvez?

— Possivelmente. Devo assinalar que ele é um homem muito reservado.

— Então a porta dele estava aberta.

— Nove anos — continuou Greta. — Durante todo esse tempo aquela porta nunca esteve aberta no instante em que eu chegava para trabalhar, a menos que meus patrões não estivessem em casa. Fiquei preocupada e fui para o andar de cima sem inicializar os andróides. Quando cheguei ao quarto, notei a lareira acesa. O sr. Anders jamais permite que o fogo fique aceso enquanto ele dorme ou quando está fora do quarto. Fiquei ainda mais preocupada e entrei no aposento. Eu o vi imediatamente. Fui até a cama, mas percebi logo que não conseguiria ajudá-lo. Desci de novo, muito rapidamente, e liguei para a emergência.

— Por que teve que descer?

Greta pareceu confusa.

— Pensei, com base nos livros, peças de teatro e filmes, que não deveria tocar em nada no quarto. Estou errada?

— Não, está corretíssima. Fez exatamente a coisa certa.

— Ótimo. — Greta acenou de leve com a cabeça, congratulando a si mesma. — Entrei em contato com a sra. Anders e esperei a polícia aparecer. Eles chegaram em cinco ou seis minutos. Levei os dois policiais ao andar de cima, um deles me trouxe de volta para a cozinha e esperou aqui comigo até que a senhora chegou.

— Obrigada pelos detalhes. A senhora sabe me dizer quem tem as senhas do sistema de segurança da casa?

— Apenas o sr. e a sra. Anders... e eu. As senhas são trocadas a cada dez dias.

— Ninguém mais tem essas senhas? Um bom amigo, outro funcionário... um parente, talvez?

Greta balançou a cabeça de forma determinada.

— Ninguém mais conhece as senhas.

— A sra. Anders está fora — afirmou Eve.

— Isso mesmo. Saiu na sexta-feira para passar uma semana com amigas em Santa Lúcia, no Caribe. É uma rotina anual, embora elas não viajem necessariamente para o mesmo lugar.

— A senhora entrou em contato com ela?

— Entrei. — Greta se moveu de leve. — Percebi, depois de refletir com mais clareza, que deveria ter esperado antes de fazer isso, pois a polícia teria notificado a sra. Anders. Só que... são meus patrões.

— Como que a senhora entrou em contato com ela?

— Através do resort. Quando ela sai de férias, geralmente desliga o *tele-link* de bolso.

— Qual foi a reação dela?

— Conteí que houve um acidente e que o sr. Anders estava morto. Acho que ela não acreditou em mim ou não entendeu direito, a princípio. Tive de repetir a mensagem duas vezes e senti que, dadas as circunstâncias, não poderia contar quando perguntou qual tipo de acidente ocorrera. Por fim, ela me avisou que voltaria imediatamente para casa.

— Ok, Greta. Você tem um bom relacionamento com os Anders?

— Eles são muito bons patrões. Muito justos, muito corretos.

— E quanto ao relacionamento entre eles? Isso não é fofoca — acrescentou Eve, ao perceber a reação de Greta. — É muito justo e “correto” que me conte toda e qualquer coisa que possa me ajudar a descobrir o que aconteceu com o sr. Anders.

— Para mim eles sempre pareceram satisfeitos um com o outro, combinavam muito bem. Minha impressão é de que gostavam um do outro e da vida que levavam.

“Que gostavam um do outro” não era o que a cena do crime transmitia, refletiu Eve.

— Será que um deles ou ambos mantêm relações fora do casamento?

— A senhora se refere a relações de cunho sexual? Eu não saberia dizer. Administro a casa, apenas. Nunca vi nada nesta residência que me levasse a acreditar que um deles ou ambos pudessem estar envolvidos em outros casos.

— A senhora consegue imaginar alguém que gostaria de vê-lo morto?

— Não — Greta recuou lentamente. — Achei que... na hora pensei que alguém tinha invadido a casa para roubar e que o sr. Anders tinha sido morto pelo ladrão.

— Notou algo faltando ou fora do lugar?

— Não... Não. Mas não olhei tudo.

— Peça que faça isso agora. Um dos policiais irá acompanhá-la por toda a casa. — Ela se virou quando Peabody entrou. — Peabody, chame um dos policiais. Quero que a sra. Horowitz seja acompanhada enquanto olha toda a casa. Depois disso, a senhora está dispensada — disse Eve, olhando para Greta. — E gostaria que fornecesse a mim ou à minha parceira as informações sobre como contactá-la.

— Prefiro ficar aqui até que a sra. Anders chegue, se for permitido. Pode ser que ela precise de mim.

— Tudo bem, então. — Eve se levantou, sinalizando o fim da conversa inicial. — Obrigada pela cooperação.

Quando Greta se retirou, Eve saiu da cozinha e foi para o aposento ao lado. Lá dentro havia dois androides desligados, em pé. Um homem e uma mulher, ambos uniformizados e com aparência digna. As telas de segurança que Greta citara cobriam uma parede inteira e, conforme afirmara, a câmara do quarto principal mostrava apenas a saleta.

— Dallas?

— Há?

— O sistema de segurança da casa foi desligado às 2h28 e religado às 3h26 da manhã.

Eve girou e franziu a testa ao olhar para Peabody.

— Foi religado antes da morte?

— Isso mesmo. Todos os discos de segurança das últimas 24 horas antes do sistema ser religado desapareceram.

— Ora, ora, estou chocada! Vamos chamar uma equipe da Divisão de Detecção Eletrônica para ver se eles conseguem recuperar alguma informação. Quer dizer que a visita que Anders recebeu

esta madrugada o deixou amarrado, mas ainda vivo? Isso não me parece um joguinho sexual que tenha dado errado.

— Não — Peabody concordou. — Parece assassinato.

Eve pegou seu comunicador quando o aparelho tocou.

— Dallas falando.

— Tenente, a sra. Anders acaba de chegar. Devo deixá-la entrar?

— Traga-a diretamente para a cozinha. — Eve desligou. — Ok, vamos ver o que a viúva tem a dizer.

Voltando-se para as telas, observou quando Ava Anders passou pela porta da frente, o casaco de pele de zibelina balançando em torno de um corpo magro vestindo azul-rei. Seu cabelo louro delicado estava todo puxado para trás e exibia um rosto de feições fortes. Brincos de pérolas imensas estavam presos nas suas orelhas, e os óculos muito escuros escondiam seus olhos quando ela atravessou o imenso saguão com piso de mármore e passou pelos arcos ornamentados. Calçava botas de salto agulha, e um policial a acompanhava.

Eve voltou para a cozinha e se sentou no ensolarado recesso da copa segundos antes de Ava entrar a passos largos.

— A senhora é quem está no comando? — Apontou o dedo para Eve. — É a única responsável pelo caso? Exijo saber o que está acontecendo. Quem é você?

— Sou a tenente Dallas, Departamento de Polícia da Cidade de Nova York. Divisão de Homicídios.

— Homicídio? Como assim, “homicídio”? — Ela tirou os óculos, revelando olhos tão azuis e profundos quanto a cor do seu terninho, e os jogou sobre a bancada. — Greta me comunicou que houve um acidente. Que Tommy se envolveu num acidente. Onde está meu marido? Onde está Greta?

Eve se levantou.

— Sra. Anders, lamento comunicar que seu marido foi morto essa madrugada.

Ava ficou onde estava, as sobrancelhas unidas em sinal de estranheza e a respiração vindo em rajadas curtas.

— Morto? Mas Greta me disse... pensei que... — Ela apoiou uma mão sobre a bancada e então caminhou lentamente para se sentar. — Como aconteceu isso? Será que ele... que ele caiu? Será que se sentiu mal ou...?

Era sempre melhor dar a notícia como uma punhalada: de forma rápida e objetiva, pensou Eve.

— Ele foi estrangulado em sua cama.

Ava ergueu uma das mãos e a apertou contra a boca. Levantou a outra e segurou o pulso que tremia. Os profundos olhos azuis se encheram de lágrimas que escorreram quando ela balançou a cabeça.

— Sinto muito, mas preciso lhe fazer algumas perguntas — continuou Eve.

— Onde está Tommy?

— Estamos cuidando dele agora, sra. Anders. — respondeu Peabody, aproximando-se para oferecer um copo d'água.

Ela tomou sem hesitar; quando tremeu de leve, agarrou o copo de uma maneira bem firme.

— Alguém invadiu a casa? Não vejo como isso possa ter acontecido. Estamos seguros aqui, muito seguros. Há quinze anos. Moramos aqui há quinze anos e nunca sofremos uma tentativa de roubo.

— Não há sinais de que tenha havido um arrombamento.

— Não entendo.

— Quem matou o seu marido conhecia as senhas e o código de segurança ou recebeu acesso livre à casa.

— Isso não pode ser. — Ava acenou com a mão, dispensando rapidamente a possibilidade. — Ninguém além de Tommy, eu mesma e Greta temos as senhas. Certamente a senhora não está insinuando que Greta...

— Não, não estou. — garantiu Eve, embora pretendesse fazer uma investigação completa sobre a governanta. — Não houve entrada forçada, sra. Anders. Até agora não há sinal de que algo tenha sido roubado, e nada está desarrumado.

Ava colocou a mão entre os seios, onde uma fileira de pérolas luminosas descansava.

— A senhora está me dizendo que Tommy deixou alguém entrar aqui e essa pessoa o matou? Isso não faz sentido.

— Sra. Anders, seu marido estava envolvido com alguém em termos românticos ou sexuais?

Ela se virou de costas na mesma hora. Primeiro a cabeça e depois o corpo.

— Não quero falar sobre isso agora. *Não vou* falar sobre isso agora. Meu marido está morto.

— Se a senhora conhece alguém que poderia ter acesso à casa e ao quarto dele enquanto a senhora estava fora do país, isso pode nos dar uma pista de quem o matou e o motivo para ter feito isso.

— Eu não sei. Não... Não consigo sequer *imaginar* algo assim. — Sua raiva transbordou sobre Eve. — Quero que me deixe em paz. Quero que saia da minha casa.

— Isso não vai acontecer. Até esclarecermos, esta casa é parte de uma investigação de homicídio. O quarto do seu marido é uma cena de crime. Sugiro que a senhora faça os arranjos necessários para se instalar em outro lugar por enquanto e mantenha-se disponível. Se não quer terminar essa conversa agora, podemos terminá-la mais tarde.

— Quero ver meu marido. Quero ver Tommy.

— Providenciaremos para que a senhora o veja assim que for possível. Deseja que entremos em contato com alguém em seu nome?

— Não. — Ava olhou para fora da janela ensolarada. — Não quero ninguém. Não desejo ver ninguém agora.

Lá fora, já no carro, Eve se colocou atrás do volante com sua parceira ao seu lado.

— Pesado! — comentou Peabody. — Em um minuto a pessoa está curtindo drinques tropicais e maravilhosos raios de sol e, no minuto seguinte, o marido dela está morto.

— Ela sabe que ele andava pulando a cerca. Tenho certeza de que sabe alguma coisa sobre isso.

— Acho que sempre sabem... provavelmente. Estou falando das esposas e das puladas de cerca. Vale para maridos também. Muitas vezes as pessoas conseguem simplesmente bloquear o lance e fingir que não está acontecendo nada bem debaixo dos seus narizes; caso contrário, serão obrigadas a reconhecer, e tudo se torna verdade.

— Você estaria derramando lágrimas sobre o cadáver de McNab se ele tivesse pulado a cerca?

Peabody apertou os lábios.

— Bem... Considerando que eu teria sido a pessoa que o matou, provavelmente estaria derramando lágrimas por mim mesma, porque você estaria me prendendo. Isso realmente me deixaria triste. É bem fácil confirmar se Ava Anders estava fora do país quando Anders morreu.

— Sim, faça isso. E vamos verificar suas finanças. Eles nadam em dinheiro; talvez ela tenha pegado um pouco dessa grana e contratado alguém para matá-lo. Talvez a própria pessoa com quem ele estivesse envolvido.

— Caramba, *isso* seria muita frieza!

— Vamos investigar seus amigos, colegas de trabalho e parceiros de golfe.

— Golfe?

— Ele tinha um jogo de golfe agendado para esta manhã com um tal de Edmond Luce. Talvez consigamos descobrir algo sobre a pessoa com quem ele disputava outros jogos quando a esposa estava fora com as amigas.

— Você não curtiria algo desse tipo? Uma viagem só para garotas?

— Não.

— Ah, qual é, Dallas? — A ideia pareceu iluminar a voz de Peabody. — Ir para algum lugar legal com as amigas, colocar o papo em dia, beber muito vinho ou drinques sofisticados, fazer um

monte de tratamentos faciais, relaxar num spa ou simplesmente deitar numa praia e conversar muito quase até amanhecer?

Eve olhou pra cima com ar de impaciência.

— Eu preferia ser arrastada nua sobre vidro moído.

— Ah, é? Pois eu acho que deveríamos fazer isso uma hora dessas. Você, eu, Mavis... talvez Nadine e Louise. E Trina! Ela poderia dar um trato no nosso cabelo e depois...

— Se Trina entrar nesse pesadelo mítico, eu poderia arrastá-la nua sobre o vidro moído? Essa seria a minha condição.

— Você iria se divertir — resmungou Peabody.

— Provavelmente sim, e muito! É claro que me sentiria mal por arrastá-la sobre vidro moído daqui a dez ou vinte anos, mas na hora eu iria me divertir à beça.

Desistindo, Peabody bufou com força, pegou seu tablet e começou a fazer as verificações e pesquisas.